



ARTIGO

# OS ALUNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA ENCRUZILHADA DA CIÊNCIA COM A MAGIA

*Tania Midori Yoshida\**

*Resumo:* Esse artigo propõe uma reflexão sobre a orientação do curso de Ciências Sociais da USP, com base em uma pesquisa realizada em 1992, entre os alunos desse curso. O artigo apresenta um novo perfil dos alunos de Ciências Sociais, marcado, não pela militância política, mas pelo interesse por práticas mágico-religiosas.

*Palavras-chave:* Curso de Ciências Sociais - evasão - demanda - mercado de trabalho - valores.

---

<sup>1</sup> Número mínimo que determina a obrigatoriedade da primeira fase da Fuvest.

<sup>2</sup> De acordo com o artigo, esses dados foram fornecidos, respectivamente, pelo Naeg (Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação) e pelo Nupes (Núcleo de Pesquisa sobre o Ensino Superior).

---

\* Graduada em Ciências Sociais pela USP.

Em um artigo publicado na *Folha de S. Paulo* em 22.02.92, o ex-reitor da Universidade de São Paulo, Roberto Leal Lobo, anunciou a possibilidade de haver corte no número de vagas para o curso de Ciências Sociais da USP. Justificando-se, ele menciona que o número de candidatos por vaga para esse curso, no vestibular de 1992, foi inferior a quatro<sup>1</sup> (3,6), de modo que todos os candidatos passaram direto para a segunda fase da Fuvest. Referindo-se ao grande índice de evasão e ao fato de que “apenas 37,9% dos formados em Ciências Sociais atuam na área ao sair da universidade”<sup>2</sup>, Lobo defendeu a idéia de que o curso em referência não está atendendo às expectativas dos alunos e que, portanto, deve ser reestruturado no sentido de tornar-se mais atraente e adequado ao mercado de trabalho. Na aula inaugural do primeiro semestre de



1992, essa posição foi reafirmada pelo convidado à exposição, Celso de Rui Beisegel, na época pró-reitor de Graduação da USP. Embora tenha assegurado aos ouvintes ter havido certo exagero por parte da imprensa, Beisegel reconheceu que a Reitoria defendia a reestruturação dos cursos de graduação *em geral* e perguntou ao público se não haveria um modo de tornar o de Ciências Sociais mais atraente.

O acirramento das discussões, entretanto, deu-se com a publicação do quinto relatório da pesquisa “A trajetória acadêmica e profissional dos alunos da USP”, que em 1992 estava sendo desenvolvida pelo Nupes (Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior). A idéia central desse relatório é a de que o curso de Ciências Sociais, tal como se encontra estruturado, favorece o desenvolvimento de uma “estratégia frouxa” de aprendizagem. Segundo Schwartzman, autor do relatório, essa *frouxidão* é confirmada pelo fato de que “a escolha de matérias se dá a partir do gosto dos estudantes, sem nenhum condicionamento de ordem profissional”<sup>3</sup> e, também, porque “a maioria dos estudantes pretende concluir o curso em um tempo superior ao normal”<sup>4</sup>. Sobre esse assunto trataremos adiante, mas vale salientar que Schwartzman questionou a “manutenção de um curso com estas características” (SCHWARTZMAN, 1992: 20) e, em concordância com a posição da Reitoria, apresentou uma proposta de reestruturação que defendia, explicitamente, a adequação do curso ao mercado de trabalho. De acordo com essa proposta, o curso deveria ser subdividido a partir de três orientações diferentes. Os alunos, logo no início do primeiro ano de graduação, deveriam *optar* por um dos seguintes programas: formação científica e acadêmica, *informação* geral sobre política e sociedade contemporânea e formação técnica orientada para a profissionalização. O autor esclarece que o programa de formação científica e acadêmica deveria admitir, *no máximo*, 25 alunos por ano, ou seja, menos de 12,5% do total de ingressantes.

Esses acontecimentos demonstram que a questão da adequação das Ciências Sociais ao mercado de trabalho, tão amplamente discutida por diversos autores, ainda gera polêmica na

### Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia

Tania Midori Yoshida

---

<sup>3</sup> Entre os estudantes, 74,8% afirmaram organizar seus estudos com base no gosto, 0,4% na profissão e 12,9% no currículo e estudo (SCHWARTZMAN, 1992, p.7).

<sup>4</sup> Sobre esse dado parece haver uma certa incoerência, pois no quadro exposto apenas 9,4% afirmaram que pretendiam levar mais tempo do que o “normal” (SCHWARTZMAN, 1992, p.6).



**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**

Tania Midori Yoshida

Universidade de São Paulo e obriga os cientistas sociais da “casa” a repensar o curso e também a sua própria profissão. Nessa reflexão, o *valor* da teoria no trabalho sociológico se coloca como um dos principais itens a serem considerados. A queda da demanda, o alto índice de evasão e a forte tendência ao prolongamento do curso sugerem, tal como afirmou o ex-reitor, que o curso de Ciências Sociais não está atendendo às expectativas de sua “clientela” real ou potencial. Entretanto, será que a adequação ao mercado de trabalho atenderia a essas expectativas e, dessa forma, atenuaria a ocorrência de tais fenômenos? Se assim for, a questão que se coloca é se a *qualidade* do curso deve ser sacrificada em função da *quantidade* de sua clientela. A adequação ao mercado, nos moldes propostos por Schwartzman, privilegiaria a formação técnica em detrimento da formação teórica – desdenhando o fato de que a tradição teórica do curso (sem pretender fazer a sua apologia) tem sido uma de suas principais qualidades. Vale destacar o fato de que a realização das grandes obras sociológicas que, vencendo a ação do tempo, ainda contribuem para uma melhor compreensão do mundo, só foi possível pela via teórica.

Propomos aqui uma pequena discussão sobre essas questões, com base em uma pesquisa que realizamos entre os alunos de Ciências Sociais matriculados no primeiro semestre do ano de 1992<sup>5</sup>. Essa pesquisa, embora não estivesse centrada nos fenômenos referentes à queda da demanda, alto índice de evasão e prolongamento do curso, recolheu alguns dados interessantes através dos quais podemos pensar a relação entre o curso e sua “clientela”. Antes, porém, gostaríamos de resgatar, brevemente, uma interessante exposição da socióloga Irene de Arruda R. Cardoso sobre a “Universidade brasileira nos anos 90”<sup>6</sup>.

Segundo essa socióloga, a universidade, que originalmente era concebida como um espaço de realização da “vontade de saber”, foi ganhando novos significados de tal modo que, atualmente, predomina sobre ela uma concepção utilitarista. Resgatando idéias frankfurtianas, Cardoso explica que essa concepção é fortemente marcada pela racionalidade do mundo

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma pesquisa realizada com bolsa de iniciação científica fornecida pela Fapesp, orientada pela professora Heloisa Helena T. de Souza Martins. Essa pesquisa contou com a colaboração de alunos e funcionários da FFLCH, bem como do prof. Jair Lício Santos, na época, coordenador do Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação (Naeg).

<sup>6</sup> Tema de uma das mesas redondas da 44ª Reunião Anual da SBPC (1992) da qual essa socióloga participou.



moderno, segundo a qual todas as coisas só adquirem sentido na medida em que são úteis. Assim, o conhecimento deixa de ser um fim em si mesmo e se transforma em um instrumento de poder. A universidade passa a favorecer interesses econômicos, políticos ou religiosos em detrimento da “vontade de saber”. Seguindo essa lógica, a “eficiência” das universidades – e dos seus cursos – equivale à sua capacidade de servir aos centros de poder e, nesse sentido, torna-se compreensível a idéia de que o curso de Ciências Sociais, porque inadequado ao mercado de trabalho, tornou-se “inútil” e sem sentido. A avaliação dos diversos cursos, efetuada através de taxas e índices referentes a fenômenos tais como demanda e evasão, pode servir como instrumento de controle do conhecimento. Controle esse que limita a autonomia dos profissionais envolvidos, colocando-os a serviço dos centros de poder.

Ao verificarmos os relatórios da Fuvest de 1977 a 1992, constatamos que, de fato, a demanda para o curso de Ciências Sociais vem decrescendo desde 1982<sup>7</sup>. Isso pode sugerir que, por ser um curso de ciências humanas e tradicionalmente teórico, está se tornando menos atrativo. No entanto, a demanda para outros cursos da USP, inclusive de outras áreas e mais profissionalizantes, também diminuiu. As demandas para os cursos de Pedagogia, Física, Engenharia Elétrica e Biologia, com exceção da Medicina<sup>8</sup>, que foram os cursos por nós analisados, também tiveram momento de auge no período de 1982 a 1985, mas, desde então, vêm decrescendo. O curso de Engenharia Elétrica, por exemplo, teve 21,9 c/v (candidatos por vaga) em 1985 e 13,9 c/v em 1992. Frente a esses dados, somos levados a ponderar que a queda da demanda pode estar relacionada com questões sociais mais amplas e não com características específicas de cada curso. Se a queda da demanda indica que o “produto oferecido” está deixando de ser atraente, teríamos então que examinar se o que está ficando “fora de moda” é o curso de Ciências Sociais da USP, as ciências sociais, a USP, ou a própria ciência.

Por outro lado, as “especificidades” de cada curso são, aparentemente, as principais responsáveis pela intensidade dos

### Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia

Tania Midori Yoshida

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar que, em 1993, a demanda para esse curso, quando comparada à de 1992, praticamente dobrou.

<sup>8</sup> A demanda para o curso de Medicina, ao contrário das outras, teve seu momento de auge em 1977 (41,7 c/v), nos anos seguintes foi decaindo até que em 1986 chegou a 24,1 c/v, a partir de então começou a aumentar e em 1992 foi de 34,5 c/v.



## Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia

Tania Midori Yoshida

<sup>9</sup> Esses dados constam no primeiro componente do "Programa de estudos sobre evasão na Universidade de São Paulo", elaborado pelo Naeg (Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação). Os dados foram obtidos através do acompanhamento de alunos ingressantes em 1985, 1986, e 1987, durante o período de 1985 a 1991 (SANTOS, 1992, p.12.).

<sup>10</sup> Essa tendência também foi verificada em uma pesquisa realizada no final da década de 70 (PRANDI, 1980, p.12). Na pesquisa do Nupes, embora o elaborador do relatório também tenha afirmado que os alunos pretendem concluir o curso em tempo superior ao normal, os dados por ele apresentados não confirmam isso (ver SCHWARTZMAN, 1992).

fenômenos da evasão e do prolongamento do curso. Segundo pesquisa do Naeg (Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação), os diversos cursos da USP apresentam diferentes graus de evasão e permanência<sup>9</sup>, dos quais os do curso de Ciências de Sociais estão entre os mais elevados. Dentre os alunos de Ciências Sociais que ingressaram em 1985, por exemplo, 55% haviam se evadido e 20% não haviam concluído o curso até 1991 (SANTOS, 1992: 12). Sobre a tendência ao prolongamento de curso, constatamos em nossa pesquisa que a porcentagem de alunos que pretende concluir o curso em quatro anos (19,8%) é bem menor do que a porcentagem dos que pretendem concluí-lo em cinco anos ou mais (74,4%)<sup>10</sup>. Além disso, o período, o campus e, portanto, os fatores extra-curso, tais como transporte e trabalho, não são determinantes mas apenas agravantes desses fenômenos (SANTOS, 1992: 9-11).

Se as "especificidades" do curso de Ciências Sociais são, nesse sentido, as principais responsáveis pelo elevado grau de evasão e forte tendência ao prolongamento de curso, tornar-se-ia interessante verificar quais são essas especificidades, antes de propormos uma mudança radical na orientação do curso. Caso contrário, corre-se o risco de sacrificar aquilo que inicialmente apontamos como uma de suas principais qualidades, sem, contudo, minimizar a ocorrência de tais fenômenos. Para tanto, seria necessário verificar não apenas as suas características, mas também o perfil e as expectativas dos alunos. Haveria que se examinar de que maneira o curso se insere em suas vidas. Schwartzman, através daquilo que denominou de "estratégia frouxa", pretendeu dar conta dessas questões. Entretanto, algumas de suas afirmações, na definição dessa "estratégia", mereceriam ser revistas.

"O curso é percebido, com base em muito pouca informação, como uma oportunidade de desenvolvimento cultural em uma instituição prestigiada, a custo zero e, para muitos, com a possibilidade de estudar à noite. Esta oportunidade é utilizada em combinação com outras estratégias educacionais e de carreira, e desde o início está presente a possibilidade de que o curso não seja seguido até o fim. É possível caracterizar esta estratégia como uma



“estratégia frouxa”, em contraste com estratégias mais firmes e focalizadas, em cursos onde o custo de ingresso é mais alto (seja em termos monetários, seja em termos de um exame vestibular mais competitivo) e os objetivos profissionais são muito mais definidos, como no caso das engenharias” (SCHWARTZMAN, 1992: 6).

Algumas engenharias que, segundo Schwartzman, “possuem estratégias mais firmes” também apresentaram elevado índice de evasão, tendência ao prolongamento do curso e queda da demanda. Dentre os estudantes de Engenharia Mecânica da Escola Politécnica (EP) que ingressaram em 1985, por exemplo, 36,4% evadiram-se. Essa porcentagem para os cursos de Engenharia Elétrica (EP) e Engenharia Civil (EP) assumia, respectivamente, 26,4% e 23,5%. Até 1991, ou seja, após *sete* anos, 9%, 15,2% e 30% ainda não haviam concluído os respectivos cursos (SANTOS, 1992: 12). Além disso, pelo menos a Engenharia Elétrica também está apresentando, tal como já mencionamos, uma queda de demanda.

Quanto ao fato de “muitos” alunos (35%) terem afirmado que a existência de curso noturno foi um fator “muito importante” na decisão de vir para a USP (SCHWARTZMAN, 1992: 5), acreditamos que isso expressa, antes de mais nada, a impossibilidade desses alunos de estudar durante o dia. Segundo a pesquisa por nós realizada, a grande maioria dos alunos do noturno trabalha (92%), muitos são casados ou convivem maritalmente (47%) e grande parte afirmou que pertence à classe baixa ou média baixa (77%)<sup>11</sup>. A existência do curso noturno pressupõe um esforço maior por parte dos alunos e professores envolvidos, não indicando *a priori* o desenvolvimento de uma “estratégia frouxa”. Além disso, o período de estudo, como já mencionamos, não determina, mas apenas agrava, os fenômenos da evasão e do prolongamento do curso. Dentre os alunos de Ciências Sociais que ingressaram no período noturno em 1985, 64% se desligaram e 18% não o haviam concluído até 1991; essas porcentagens para o vespertino são, respectivamente, de 51% e 21% (SANTOS, 1992: 9).

**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**  
Tania Midori Yoshida

---

<sup>11</sup> Essas porcentagens para o vespertino são respectivamente 60%, 5% e 40%.



**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**

Tania Midori Yoshida

Já com relação à maneira como “o curso é percebido”, acreditamos que ela supera a mera “oportunidade de desenvolvimento cultural em uma instituição prestigiada, a custo zero”. Na pesquisa que realizamos em 1992, verificamos que o interesse inicial pelas ciências sociais não está apenas na aquisição de conhecimento – crítico ou geral – sobre a sociedade, mas também na utilização prática desse conhecimento. Isso não significa que, no imaginário dos alunos, o curso de Ciências Sociais da USP desenvolva um tipo de sociologia aplicada às empresas. A idéia que eles fazem desse curso, ao contrário, parece ser fortemente influenciada pelas utopias que têm marcado o pensamento sociológico desde o seu surgimento. O sentido prático das ciências sociais, por eles imaginado, parece não ser o de atender ao mercado, mas sim o de “contribuir para a revolução”<sup>12</sup>. Uma das alunas, por exemplo, afirmou que só veio a conhecer melhor as ciências sociais no momento em que ingressou na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)<sup>13</sup>; até então, associava-as a uma espécie de escola para militantes.

“... eu não sabia o que era direito o Curso, até quando entrei na PUC.(...) Aí, foi na PUC que fui saber também que o curso tinha antropologia, política, sociologia, e ver que não era uma coisa assim tão simples como eu imaginava. Que não era uma escola de... porque, claro, na minha cabeça era como se fosse uma formação de militantes...” (veterana de 28 anos).

Embora os alunos tenham, tal como afirmou Schwartzman, poucas informações sobre o curso, verificamos que a opção pelas Ciências Sociais é, de maneira geral, motivada por uma vontade política de transformar ou “melhorar” a sociedade. Grande parte dos alunos (54%) afirmou que, ao escolher esse curso, pretendia conhecer *criticamente* a realidade e, dentre esses, a maioria (70%) para realizar trabalho *útil* à sociedade<sup>14</sup>. Quanto aos outros, 9% afirmaram que escolheram o curso por uma questão de “vocaçãõ”, 8% porque pretendiam melhorar os conhecimentos gerais, 19% para adquirir subsídios para outra profissão e 6% para obter elementos para a militância política. Tendo em vista que a resposta

---

<sup>12</sup> Sobre a oposição entre mercado e revolução ver: Kehl, 1991, p.40 e 41.

<sup>13</sup> Essa aluna, iniciou-se nas Ciências Sociais nessa Universidade e, posteriormente, transferiu-se (via vestibular) para a USP.

<sup>14</sup> É interessante verificar que essas porcentagens, para os alunos que possuem diploma ou frequentam outro curso de nível superior (26%), são relativamente altas (39% e 57%, respectivamente).



“realizar trabalho útil à sociedade” é um tanto vaga, procuramos, através das entrevistas, verificar alguns dos seus possíveis significados. Uma aluna de 19 anos, por exemplo, assim como a anteriormente citada, também associou o curso à militância política. Entretanto, diferentemente da outra, não colocou no questionário que havia optado pelas Ciências Sociais com o intuito de obter subsídios para a militância política. Vale informar ainda que essa aluna, bem como a anterior, já militava politicamente no momento da escolha do curso.

“... quando eu resolvi prestar Ciências Sociais, eu ainda tava engajada, então pra mim era uma coisa, sei lá, tem tudo a ver. Queria continuar militando... estudar...” (aluna de 19 anos).

Um outro aluno entrevistado, dentista e pai de família, também respondeu no questionário que pretendia realizar trabalho útil à sociedade. Embora não tenha associado o curso diretamente à militância política, em um de seus relatos mais marcantes ele deixou clara a sua vontade de “melhorar o mundo”.

“Eu gostaria que o mundo fosse melhor, não sei onde está o caminho, mas que o povo se entendesse, que as nações se entendessem. Em vez de ir à Lua, você poderia ir a Samoa, à Etiópia, matar a fome dos negros, do povo miserável que mora lá. Então, isso me preocupa, eu fico desconsolado quando vejo três bilhões de dólares subindo pro espaço à procura de um meteoro que caiu, não sei onde, que bateu no..., e você vê a África inteira se estraçalhando de fome, e homens insensíveis olhando, eu... eu sou tão pequeno para fazer alguma coisa, mas acho que na minha área eu tenho feito” (calouro de 47 anos).

Aparentemente, as representações iniciais a respeito do curso passam por uma visão um tanto romântica das ciências sociais. Entretanto, se assim for, longe de estarem totalmente equivocadas, resgatam as origens do pensamento sociológico.

“A verdadeira herança do Iluminismo encontra-se não na sociologia, mas na economia clássica, na psicologia individual e na ciência política utilitarista. O que encontramos na sociologia – isto é, em suas correntes distintivas – é uma revolta contra a visão

**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**

Tania Midori Yoshida



**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**

Tania Midori Yoshida

racionalista do homem e da sociedade. (...) não apenas as idéias-chave da sociologia não estão relacionadas às idéias científicas anteriores como elas têm sua afinidade mais íntima com um movimento de arte, o Romantismo. Do mesmo modo que a imagem renascentista do homem provém de correntes artísticas anteriores, assim, eu afirmo, a imagem sociológica surge, desde o princípio, de visões que tiveram seus primeiros e mais abrangentes apelos na arte romântica” (NISBET, 1970).

Por outro lado, essa visão “romântica” parece não encontrar respaldo na realidade do curso. Um dos alunos, por exemplo, afirmou que, ao nele ingressar, sentiu-se “desiludido” e que uma de suas principais desilusões estava relacionada com a postura e atuação – política – do “pessoal” das Ciências Sociais.

“Achava que era um curso que ia me colocar a par, sabe? de... política... e de muitas coisas que você julga saber e não sabe, como questões políticas, questões sociais, questões de cultura em geral, que são as três áreas no caso, né? E eu achava que ia ter um pessoal mais ativo neste curso; que fosse um curso de pessoas mais ativas; pessoas que impressionassem, mas a realidade não é essa, e uma das grandes desilusões que eu tive a nível do curso, não do curso, foi o pessoal, pessoal muito teórico e pouco prático, muito discutidor e muito sem solução, sabe? (...) Inclusive, o pessoal do Mackenzie, um curso de direita, de direita não, de exatas, era mais ativo politicamente do que o pessoal da USP, da Sociais, politicamente, não digo socialmente, mais preocupado, sabe?” (aluno de 24 anos).

Inicialmente, como vimos, o curso aparece como uma oportunidade de obter conhecimento *crítico* da realidade, sendo que, para muitos, a aquisição desse conhecimento está vinculada à possibilidade de realizar trabalho *útil* à sociedade. O curso, entretanto, não pode corresponder, plenamente, a essas expectativas. As ciências sociais contribuem para uma melhor compreensão do mundo, mas, para tanto, apresentam inúmeras e por vezes contraditórias explicações sobre esse mundo, de modo que, durante o curso, o aluno pode ser conduzido a uma reavaliação do seu universo



valorativo. Possivelmente, não devem ser raras as vezes em que, lendo um texto ou assistindo a uma aula, o aluno questione algumas de suas crenças e valores. Além disso, considerando que muitos alunos associaram o trabalho do cientista social à concretização das grandes utopias, e tendo em vista que essas utopias encontram-se, segundo Heloísa Fernandes, perdidas no passado, também os motivos que os conduziram ao curso poderão passar por um processo de reavaliação.

“A cultura pós-moderna está marcada por uma relação com a temporalidade que a torna cativa de um presente perpétuo, pois já não questionaria o presente em nome de promessas não resgatadas do passado e, por essa via, tornar-se-ia impotente na produção de novas utopias” (FERNANDES, 1991: 7).

Acreditamos ser lícito afirmar que, a partir do momento em que ingressa no curso, o aluno passa por um processo de “desnudamento”, através do qual os seus antigos valores vão sendo questionados. Nesse processo, ele pode experimentar um sentimento de “perda dos sentidos” que, segundo Weber, faz parte da vida de todo intelectual moderno. Embora totalmente preso às técnicas e procedimentos racionais, na produção do conhecimento científico, esse intelectual não pode, através da ciência, estabelecer juízos de valor (WEBER, 1970: 35-36).

“A ciência não é produto de revelações, nem é graça que um profeta ou um visionário houvesse recebido para assegurar a salvação das almas; não é também porção integrante da meditação de sábios e filósofos que se dedicam a refletir sobre o sentido do mundo. Tal é o dado inelutável de nossa situação histórica, a que não poderemos escapar, se desejarmos permanecer fiéis a nós mesmos” (WEBER, 1970: 47).

Através dos relatos de uma aluna que, no final da década de 70 e começo de 80, teve grande participação nos movimentos sociais e políticos, podemos verificar um caso particular mas significativo desse processo. Inicialmente, como já vimos, ela imaginava que o curso de Ciências Sociais era uma espécie de escola de militantes. Durante o curso, não apenas essa primeira

**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**

Tania Midori Yoshida



**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**  
Tania Midori Yoshida

imagem sobre o curso, mas também a sua própria atuação como militante, foram sendo modificadas.

“Como eu não tenho hoje... não participo mais, não leio, não tenho uma atuação, tal, possivelmente eu ficaria na esfera do militante que é mais tarefeiro, mesmo, né? E eu acho que pra isso eu não sirvo mais. Não é nenhuma crítica às pessoas que são hoje, mas eu acho que se você vai discutir com o pessoal é mais ingênuo, mesmo, mais... com um discurso superficial, assim tal. À medida que você vai ficando mais crítica, vai entendendo mais as coisas por outro caminho, não dá pra ficar só como tarefeiro. Você quer participar das discussões mesmo, do partido” (aluna de 28 anos).

Tendo uma história de vida fortemente marcada pela utopia marxista, essa aluna conta que ficou “triste” com os acontecimentos do Leste Europeu e da URSS e, mais do que isso, que começou a questionar sua antiga crença e atuação política.

“Eu me lembro que fiquei assim, super..., não tanto com a queda do Muro, mas mais com a coisa da União Soviética, né? Que a gente quando era militante, defendia, né?, a União Soviética. Você tinha todas aquelas críticas à União Soviética, Cuba, Alemanha Oriental, tal..., a gente defendia, dizia que não, que as necessidades básicas das pessoas estavam atendidas, né? (...) a gente defendia, defendia, e de repente, não era bem isso, né? Tinha uma miséria danada lá (...). Então, confesso que foi uma certa decepção, assim, uma tristeza, sabe?” (aluna de 28 anos).

A perda da utopia, entre outros fatores, parece ter levado os futuros sociólogos a se juntar ao coro dos que, embora em silêncio, reclamam pelos sentidos da vida. A respeito dessa perda, bem como da oposição entre mercado e revolução, anteriormente mencionada, Maria Rita Kehl escreve:

“Hoje, enquanto os países comunistas abrem as portas ao rock e à Coca-Cola, atendendo com atraso a uma aspiração da sua população jovem, ansiosa por viver mais próxima dos tempos modernos, os militantes e intelectuais de países capitalistas parecem estar fechando as portas à idéia de revolução. Ou pelo menos às idéias revolucionárias concebidas pelo pensamento marxista



(existem outras idéias revolucionárias, de cem anos para cá?). A causa da revolução em termos do marxismo-leninismo parece cada vez mais causa perdida para os jovens, até mesmo os jovens contestadores dos países capitalistas. A última perspectiva romântica não-estilizada (isto é, diretamente ligada à vida social), a perspectiva socialista, terminou em burocracias cinzentas que não deixam margem a nenhum romantismo” (KEHL, 1991: 41).

Tendo em vista que todo ser humano é orientado por e necessita de suas crenças e valores, os alunos são convidados a reelaborar o seu universo valorativo<sup>15</sup>. Essa aluna, por exemplo, parece ter reelaborado esse universo utilizando-se dos conteúdos fornecidos pelo curso. Na sua concepção atual de ciência, de política, de adolescência, enfim, de mundo, notamos a presença de vários elementos teóricos. Além disso, foi interessante verificar que várias vezes ela se remeteu à questão dos valores. Assim, defendeu por exemplo que a ciência deveria estar comprometida com valores e que os problemas atuais enfrentados pelos adolescentes são devidos à falta de valores. Mas quais seriam esses valores?

“Como diria o Martins, lá, ‘Os grandes valores da humanidade’, mesmo. Não sei se é a Agnes Heler que fala isso porque... que são alguns valores universais, mesmo, que são do tipo... uma noção de justiça social” (aluna de 28 anos).

Entretanto, nem todos conseguem reelaborar o seu universo valorativo, a sua visão de mundo, incorporando o conhecimento adquirido durante o curso. O aluno é levado, muitas vezes, a procurar respostas em outros lugares. A outra aluna que havia associado o curso à militância política, no momento da entrevista, estava com a matrícula trancada e disse que não sabia se iria concluí-lo. Ao perguntarmos o motivo, respondeu que, entre outras coisas, começou a pensar religiosamente de uma outra forma e que esse novo pensar entrava em choque com as explicações sociológicas do mundo.

“... eu não via resultado em nada do que a gente fazia, né? O movimento que eu participava no partido era bem... não crescia, tal... eu não via nenhuma perspectiva... mas eu não acho que a... principalmente, eu comecei a pensar religiosamente de uma outra

### Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia

Tania Midori Yoshida

---

<sup>15</sup> Esse processo de desnudamento e de reelaboração pode ser considerado como um processo de ressocialização ou socialização secundária, ao qual todos os estudantes universitários estão sujeitos. Contudo, os de Ciências Sociais, em particular, o sofrem em níveis mais profundos, dado que nele está em jogo o seu próprio universo valorativo (BERGER & BERGER, 1977, p. 213 e 214).



**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**

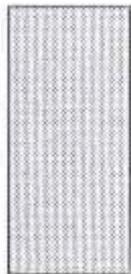
Tania Midori Yoshida

forma, né, e daí no que eu comecei a pensar, falei – Putz... né?, eu comecei a pensar numas coisas assim, sei lá, de carma, né?, e que isso eles diziam que então,... o que você pode fazer aqui vai te adiantar mas... me deu uma outra explicação, entendeu?, pra esses problemas e eu acho que essa explicação que dava entrou em conflito com a explicação que as Ciências Sociais me davam também. E assim, o próprio PC do B” (aluna de 19 anos).

Embora a escolha das Ciências Sociais passe por uma “vontade política” de transformar a sociedade, durante o curso essa vontade parece ser substituída por outros interesses. De acordo com a pesquisa por nós realizada, os alunos encontram-se mais interessados em práticas mágico-religiosas do que em militância política. Enquanto 45% dos alunos não possuem nenhum tipo de participação nos movimentos sociais e políticos, quase a mesma proporção, 47%, apresenta forte adesão às práticas terapêuticas e mágico-religiosas. Atualmente, a maioria dos alunos não é filiada a nenhum partido político (76%) e alguns não são nem simpatizantes. (21%). Dentre os alunos que são ou foram filiados (31%), a maioria é ou foi do PT (63%), 19% do PSDB e 7% do PC do B. Quase todos os alunos (90%) não participam de nenhum movimento social e político, mas alguns já participaram (26%). Outros participaram de grupos ou atividades de amparo a setores desprivilegiados da sociedade (17%) e hoje não participam mais. Podemos dizer que, atualmente, os alunos possuem pouca participação nos movimentos sociais e políticos, mas que no passado essa participação foi maior. Em contrapartida, a grande maioria dos alunos já fez ou pensou em fazer psicanálise ou psicoterapia (80%)<sup>16</sup> e 9% ainda fazem. Muitos utilizam práticas adivinhatórias (38%), sendo que 26% frequentemente, 50% esporadicamente e 24% excepcionalmente. Alguns pertencem a igrejas ou seitas religiosas (19%), sendo que, dentre esses, 31% da espírita, 25% da judaica e 25% da católica. Vale ressaltar que apenas 22% afirmaram não sentir nenhum interesse por alguma dessas práticas. Além disso, muitos afirmaram que consomem drogas (21%), calmantes (5%), álcool (72%) e cigarros (35%).

---

<sup>16</sup> Os dados dos questionários não informam a porcentagem de alunos que recorreram a essas práticas durante o curso.



Essa tendência é reafirmada pelo fato de que o antigo interesse pela ciência política vem sendo transferido, principalmente, para a antropologia. Em um trabalho realizado no final da década de 70 pelo sociólogo Reginaldo Prandi (PRANDI, 1980: 10), mais da metade dos alunos, 53%, tinham como área de preferência a ciência política, 35% a sociologia e apenas 12% a antropologia. Atualmente, 27% preferem a ciência política, 43% a sociologia e 30% a antropologia. Tudo leva a crer que aquela velha caricatura do aluno de ciências sociais, enquanto um jovem ateu e superengajado nos movimentos sociais e políticos, tornou-se inadequada para os dias de hoje.

Podemos dizer que, atualmente, as grandes “rivais” das ciências sociais, no “mercado de conhecimento”, não são as outras ciências, mas as formas não-científicas de explicação do mundo. O que tornava o curso de Ciências Sociais atraente era a possibilidade de participar ativamente na construção e concretização das utopias. Tendo em vista que a “cultura pós-moderna” tornou-se “impotente na produção de novas utopias” (FERNANDES, 1991: 7), as Ciências Sociais acabaram perdendo um de seus principais atrativos. Nesse sentido, se existe uma inadequação entre as expectativas dos alunos e a realidade do curso, isso se deve, principalmente, à perda das utopias e não à sua incapacidade de adequar-se ao mercado.

Por outro lado, não podemos desconsiderar o fato de que vários alunos demonstraram preocupação com a questão profissional. Dentre os alunos da década de 70, 77% achavam que a orientação geral do curso deveria privilegiar a formação teórica, 19% a visão crítica da sociedade e apenas 5% a formação técnica (PRANDI, 1980: 34). Atualmente, a maior parte dos alunos, 89%, prefere um curso voltado *equilibradamente* à formação teórica e à formação profissional. Entretanto, outros dados indicam que essa formação profissional não é a de técnico, mas a de pesquisador científico. Enquanto 63% gostariam de ser pesquisadores científicos, apenas 6% pretendem ser técnicos de pesquisa social. Bem, mas o que fazem esse pesquisador e esse técnico? Segundo Prandi: “A pesquisa científica é o pressuposto da pós-graduação. Sem o aprendizado de

**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**

Tania Midori Yoshida



**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**

Tania Midori Yoshida

sua prática qualquer projeto de trabalho no ensino superior será frustrado e frustrante”. Já o técnico de pesquisa social “opera com dados, planeja e executa pesquisas descritivas, prepara diagnósticos, faz levantamento de marketing, avalia a opinião pública a respeito de fatos, produtos, projetos e personagens. E, na quase totalidade, têm um grande sonho: gostariam de ser sociólogos...”.

Quanto ao programa de formação desses dois profissionais, podemos emprestar de Schwatzman as suas caracterizações. O do pesquisador científico seria “um programa de formação científica e acadêmica mais estrito, com forte requisito de dedicação integral e desempenho, possibilidades de bolsa de iniciação científica e perspectiva de encaminhamento para a pesquisa e pós-graduação em sociologia, ciência política, antropologia e áreas interdisciplinares”. Enquanto a do técnico teria “forte conteúdo de metodologias quantitativas e o desenvolvimento de competência administrativa e gerencial”. Acreditamos poder afirmar que o técnico de pesquisa social seria um tipo de profissional versado em sociologia aplicada às empresas, enquanto o pesquisador científico seria o sociólogo propriamente dito.

Vale destacar ainda que, na pesquisa por nós realizada, o incentivo à pesquisa e a estrutura curricular constituíram os itens que, segundo os alunos, deveriam ser prioridade em uma reestruturação do curso. Entretanto, é interessante verificar que enquanto 44% dos alunos qualificaram como *péssimo* e 40% como regular o incentivo à pesquisa, 41% qualificaram como *boa* e 47% como regular a atual estrutura curricular.

Nesse sentido, acreditamos que a preocupação com a questão profissional pode até conduzir alguns alunos à defesa da adequação do curso ao mercado, tendo em vista, por exemplo, a recente mobilização para a criação de uma empresa júnior de Ciências Sociais. No entanto, propomos a idéia de que, mais do que isso, os alunos gostariam que o trabalho do cientista social fosse reconhecido, publicamente, como útil à sociedade, capaz de transformá-la e, porque não dizer, “melhorá-la”. ■



YOSHIDA, Tania Midori. Social Sciences' students at the cross-way between science and magic. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, 2: 81-97, 1.sem. 1995.

**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**  
Tania Midori Yoshida

*Abstract:* This article proposes a reflection on the orientation of the Social Sciences undergraduate course at USP based on a research carried out in 1992 with its students. The article presents a new profile of the Social Sciences' students, marked, not by political militancy, but by the interest on magic-religious practices.

*Uniterms:* Social Sciences course - evasion - demand - workmarket - values.

### BIBLIOGRAFIA

BERGER, Peter L. e BERGER, Brigitte. Socialização: "como ser um membro da sociedade". In: FORACCHI, Marialice M. & MARTINS, José de S. (orgs.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1987.

CARDOSO, Irene de Arruda R. A universidade e o poder. *Revista da USP*.

———. A modernização da universidade brasileira e a questão da avaliação. In: MARTINS, Carlos B. (org.). *Ensino superior brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

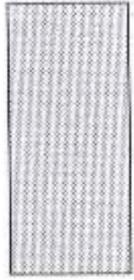
Folha de S. Paulo. "USP ameaça cortar vagas de Ciências Sociais". São Paulo, 22/02/92.

FERNANDES, Heloísa Rodrigues (org.). "Prefácio". *Tempo do desejo: sociologia e psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

KEHL, Maria Rita. A razão depois da queda. In: FERNANDES, Heloísa Rodrigues (org.). *Tempo do desejo: sociologia e psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

NISBET, Robert A. A sociologia como uma forma de arte. In: *Tradition and revolt, historical and sociological essays*. New York, Vintage Books, 1970.



**Os alunos de Ciências Sociais na encruzilhada da ciência com a magia**  
Tania Midori Yoshida

(Tradução de Sylvia Gemignani Garcia, revisão de Heloísa H. T. de Souza Martins).

PRANDI, J. Reginaldo. *Os futuros cientistas sociais*. São Paulo, Seção gráfica da FFLCH-USP, 1980.

———. *A universidade fragmentária*. São Paulo, 1981.

SANTOS, Jair L. F. *O desligamento de alunos na USP: dimensão e composição*. Primeiro Componente do Programa de Estudos Sobre Evasão na Universidade de São Paulo. São Paulo, junho, 1992.

SCHWARTZMAN, Simon. *Os alunos de ciências sociais*. Quinto relatório da pesquisa “A trajetória acadêmica e profissional dos alunos da USP”. São Paulo, Nupes, 1992.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo, Cultrix, 1970.